

Economia - Brasil

CONJUNTURA

Ipea reduz previsão de crescimento para 4%

Previsão anterior do instituto era de crescimento econômico de 4,3% este ano

CLÁUDIA SCHÜFFNER

RIO — O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) reduziu a projeção de crescimento da economia brasileira este ano para 4% no *Boletim Conjuntural* relativo ao segundo trimestre. No documento anterior, a previsão era de crescimento de 4,3%. O diretor de Pesquisas do Ipea, Cláudio Considera, afirma que até o final do ano as previsões para o aumento do Produto Interno Bruto (PIB) oscilariam em torno de 4%, o que ele acredita ser uma taxa condizente com a projetada pelo governo.

O economista ressalta, contudo, que a economia brasileira poderá crescer acima do previsto se forem mantidas as "promessas" de crescimento da indústria da construção civil, que já começa a ser notada em São Paulo. "A construção civil responde por 7% do PIB, o que, somado aos efeitos indiretos, como o das vendas de insumos, cresce para 16,2%", afirma. "Se considerarmos que isso aumenta os salários pagos no setor, há um efeito-renda que faz com que no total se tenha um estímulo sobre o PIB de 19%", destaca.

Continuando o raciocínio, Considera faz as contas e deduz que se a construção civil crescer o dobro do projetado para esse ano, ou seja, 8% em vez dos 4,2% previstos, o PIB de 97 poderá crescer até 4,7%.

A previsão do Ipea para o crescimento da indústria em geral (extrativa e de transformação) no mês de junho foi de 1,9% comparado com maio, quando foi notada uma forte queda de 1,7%. O crescimento reflete o aumento de 9,8% na produção de automóveis e de 8,7% na de papelão ondulado, na série dessazonalizada. O órgão projeta crescimento de 6,4% do se-

tor agropecuário, de 4,2% para a construção civil e de 3,4% para os serviços.

Quanto à diferença para menor dos resultados do Ipea, comparados com os da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), Considera lembra que os dados do Ipea refletem a atividade nacional. O Indicador de Nível de Atividade (INA), divulgado ontem pela Fiesp, apresentou alta de 3,9% em junho ante o mês de maio, quase o dobro do índice do Ipea. "Nosso resultado mostra o crescimento da indústria geral e da Fiesp aponta o grande aumento da produção de bens de capital, fazendo com que o dado dela seja maior que o nosso", explica o economista.

O *Boletim Conjuntural* ressalta que apesar do resultado "excepcional" da indústria geral — que cresceu 5,8% no primeiro semestre deste ano em comparação com o mesmo período de 96, com aumento de 13,9% nas vendas de bens de consumo duráveis, 6,9% nos bens intermediários e de 1,6% nos bens de capital — o efeito desse crescimento na balança comercial se traduzirá em déficit.

Isso porque nos seis primeiros meses do ano as importações de bens de capital se elevaram em 38,2% e no caso dos bens duráveis (cujo melhor exemplo são os automóveis), a produção nacional passou a depender

de componentes modernos e com tecnologia de ponta, não disponíveis no País. "A composição desse crescimento é extremamente prejudicial à balança comercial no curto prazo", diz o documento.

Ele afirmou, contudo, que a taxa de investimentos em relação ao PIB está aumentando, assim como os índices de venda da indústria de bens de capital, que estava em queda nos últimos três anos. "Há um crescimento desequilibrado da economia e a recuperação da indústria paulista tem mais a ver com os investimentos e menos com o consumo", analisa Considera.

**E SP,
INDÚSTRIA
ESTÁ
AQUECIDA**

